

**Gravação: arquitetos\_ep13\_eduardo\_versao\_bloco\_unico**

**Duração do Áudio: 29 minutos**

<b>Legenda</b>	
( - )	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico

[01:00:41:03]Eduardo: Cê faz aquele primeiro traço, daí cê faz o segundo, aí cê fala "hum, aqui pode ser uma coisa interessante... Não, então vamos fazer assim e tal". O desenho é uma forma de você fazer a mão trabalhar e a mão trabalha... Você vê o que cê tá pensando, visualiza o teu pensamento em relação àquilo que cê quer fazer ou que cê acha que deve fazer. Pensar arquitetura pra mim é desenhar.

[01:01:26:25]Guilherme: O Eduardo de Almeida é um grande mestre da arquitetura em São Paulo. Arquitetura moderna que foi formada na chamada Escola Paulista, mas ele guarda influências que são um pouco diferentes do mainstream dessa chamada Escola Paulista que está na FAU-USP. No meio da chamada "arquitetura brutalista" de São Paulo né, que é muito mais lastreada na influência de Le Corbusier, o Eduardo de Almeida traz as referências norte-americanas, isso é, o Eduardo estudou muito e tem um apreço muito

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

grande pela obra de Frank Lloyd Wright, o grande mestre norte-americano que criou uma arquitetura muito horizontal relacionada com a paisagem. Então ele incorpora isso na linguagem de São Paulo e traz como uma grande contribuição. Então ele é um arquiteto obsessivo pela modulação dos materiais e dos desenhos, e com isso ele cria espaços muito elegantes, mas sempre lastreados por esse sentido de medida. E é também um grande professor que foi um dos mais importantes professores da FAU-USP, formou toda uma geração.

[01:02:38:13]Eduardo: É... Eu não morava em apartamento desde minha época de solteiro, que significa cinquenta e seis anos atrás. Você se sente participando mais da vida urbana. A casa você fica mais enclausurado, você fica mais isolado... Principalmente as casas em São Paulo, todas muradas e etc., a minha não era, mas as casas são. Eu dou muito valor a questão da circulação em qualquer projeto, seja projetos de corporativa até projeto da pequena casa. Isto é, que os espaços tenham uma certa independência, um não dependa do outro pra existir. Porque a arquitetura no fundo é uma organização do espaço. Que a arquitetura às vezes é arrumar uma gaveta. Eu comecei muito cedo essa minha relação com a arquitetura. Ganhei um livrinho, minha mãe me trouxe uma vez um livro de uma exposição que teve no Museu de Arte de São Paulo, quando o museu, o MASP era na Rua 7 de Abril. E houve uma exposição do Richard [inint] [01:03:43:14], eu ganhei o catálogo da exposição, eu não vi a exposição. Que era lindíssima, eu ficava estudando aqueles projetos assim, curtindo loucamente. A gente formava uma espécie de grupelhos da faculdade, nós éramos, o nosso grupelho era chamado dos wrightianos. Eu não era wrightiano no sentido de eliminar o reto ou o exclusivo, não... Era simplesmente... Mas de fato, nós reunimos um grupo que se chamava wrightianos e que desenhava a la Frank Lloyd Wright, que fazia, projetava lá Frank Lloyd Wright, quer dizer, é desenhando à maneira dele, com lápis de cor, etc. Quase como se fosse um estudante de arte e desenhar Santa Ceia de Leonardo Da Vinci. Esse prédio tem um significado especial pra arquitetura brasileira, não é só pra mim não. Foi um dos prédios que me despertou assim através da minha mãe, inclusive, andando aqui nessa rua. Esse prédio estava lançando, estava vendendo apartamentos, etc., e foi das primeiras coisas que acho que me chamou atenção era a arquitetura mesmo, arquitetura contemporânea. Acho que o [inint] [01:05:08:15]

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

aqui realmente fez uma obra prima, veja que hoje esse prédio tem quase setenta anos, acredita? E continua ainda a ser um marco de arquitetura na cidade, quer dizer, continua sendo contemporâneo. É uma pena que com essas grades, com essa coisa da proteção, estragaram essa relação do prédio com a cidade que ele tem, essa proposta de um prédio urbano, quer dizer, que tinha uma relação aberta com a cidade. Eu tenho a impressão de que as pessoas que tão aqui no bairro, aqui em Higienópolis, sempre estiveram. Eu não sei porque eu tenho uma relação da minha infância que eu passei aqui, tinha sete anos, seis anos, sete anos... E é muito bonito isso, o bairro é muito agradável, arborizado... Não chegou a ser delapidado ou não chegou a se corromper como os outros tantos bairros. Tem muita gente jovem que trabalha aqui perto e junto ela trabalha a residência que é aquilo que a gente sempre achou que devia acontecer. Minha mãe tocava piano, mas eu ouvi pouco ela tocar, porque nós não tínhamos piano em casa, mas ela ouvia muito Chopin. Mas ela gostava muito de Park, gostava de Stravinsky, etc. Então eu, desde cedo, eu me acostumei muito a ouvir música, e eu sinto muito a construção daquilo que bem foi pensado, que existe um tema. É como se você tivesse aquele modo ali inicial que você vai articulando e vai formando o todo, construção pura, é pura arquitetura. Você toca o primeiro tema, segundo tema, aí já penetra no outro, e com isso você constrói uma catedral. Olha, eu volto pra cá com uma profunda nostalgia, não é uma coisa que eu gosto de fazer, essa história de reviver o passado que não existe. Então, de repente eu falo "que que é isto aqui? O que significa agora esse prédio pra mim?", fora as questões arquitetônicas, quer dizer, as questões existenciais mesmo. É um edifício simbólico. Como Artigas é um arquiteto considerado, vamos dizer assim, a figura mais importante como arquiteto da arquitetura paulista, a FAU foi antes o edifício que ele tenha feito, primeiro pela escala, edifício grande; segundo, pelo próprio significado dele como faculdade de arquitetura, portanto já continha uma reforma de ensino de arquitetura que o Artigas participou e muito. O espaço fluído, o percurso aberto, o espaço democrático, enfim, e a própria flexibilidade que o prédio tem. Então são conceitos que vinham vindo, mas nunca de uma forma tão clara, tão expressa, tão nítida. Questão da estrutura como expressão de uma arquitetura. A questão da tecnologia, portanto aparece de uma forma muito forte, era uma coisa muito importante pro Artigas, inclusive. Artigas era um egresso

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

da Poli, então ele teve uma formação de engenheiro/arquiteto essa questão da tecnologia, da técnica [inint] [01:09:11:01] pra ele era fundamental. O que rebateu em nós, alunos... E é um prédio muito didático no sentido da própria arquitetura. Comecei dar aula na FAU em mil novecentos e sessenta e sete. Porque eu precisava ter uma outra atividade porque o escritório era um escritório muito pequeno e eu tinha que sobreviver com um monte de filhos. Então eu fui dar aula como uma muleta, eu não tinha nenhuma vocação, eu não me via em nenhuma vocação didática ou não tinha nenhuma formação crítica, histórica, etc., e experiência didática pra dar aula. Então eu aprendi na marra, primeiro dia de aula pra mim era uma coisa, eu tinha que sair, depois no fim [inint] [01:09:58:26] tinha que ficar uma hora deitado com dor no estômago. Eu só fui perceber o quanto ter dado aula pra mim foi fundamental no meu próprio exercício profissional. Quer dizer, quando eu comecei dar aula que a minha cabeça começou a mudar, porque eu tinha que organizar o pensamento um pouco, não podia mais basear meus trabalhos e coisa assim na intuição. Dar aula foi a coisa mais importante que eu fiz pra poder exercer a profissão de uma forma séria e tentar fazer arquitetura da maneira mais séria possível foi fundamental com o material didático. Tenho muita dificuldade com projeto, cada vez que eu tenho que fazer um projeto, eu demoro muito pra me situar no projeto, começar tentar... O que acontece na realidade é que eu sou muito inseguro. Então pra eu ter certeza daquele caminho que eu tô seguindo é o melhor, eu preciso fazer uma série de testes comigo mesmo. Às vezes maquete, às vezes o próprio desenho, etc., etc., estudos de alternativa, será que é isso mesmo? Em todos os projetos que eu faço sempre sou um pouco assim. Então o meu processo de projeto é cansativo, é sofrido. E às vezes você começa a chegar num projeto onde ele começa a mandar em você, quer dizer, ele é que te sugere como é que você vai desenvolver aquilo, sabe? Ah, se é assim, então eu vou ter que fazer a estrutura assim, então talvez fosse melhor estudar as aberturas numa outra forma que eu tava fazendo, etc., etc., enfim, o projeto manda.

[01:11:47:22]Lalo: Na verdade, a casa é isso, é uma cozinha com as coisas em volta assim, mas o coração da casa é a cozinha. Quando a gente teve a ideia de construir a casa, a gente foi conversar com o meu pai, e aquela reunião de arquiteto-cliente, o que que vocês querem... Aí, a gente falou "pai, o importante é a cozinha tá integrada com a casa,

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

o resto... O resto é o resto". O projeto é, como vocês podem ver, uma cozinha com umas coisas em volta assim, mas o centro da casa é isso, é onde a gente passa a maior parte do tempo, minha mulher trabalha com isso... E as crianças, todo mundo vive esse mundo da comida, todo mundo meio... É fanático por comida e é o centro da casa, é onde a gente passa a maior parte do tempo. A gente queria uma casa sem muita parede, aberta no sentido de que também fosse integrada com o jardim, aberta dentro e aberta pra fora também. Tanto é que aqui você tem essa transparência, o jardim, apesar da gente não, vamos dizer assim, ficar o tempo inteiro no jardim, mas como a casa é transparente, eu sinto que eu tô aqui, mas eu tô no jardim. Mas também não fizemos muita exigência, isso é legal, porque falamos "pai, a gente falou isso da cozinha, essa coisa de não ter parede, de ter um espaço aberto", e aí a surpresa, é legal também a surpresa né, você... Bom, o que que vai vim será? A gente só falou disso aqui, agora vamos ver o que que vai acontecer. E esse tempo foram três anos e meio pra saber o que que ia acontecer. Acho que ele fez uns três, quatro projetos pra casa, ele nunca tava satisfeito. A gente, toda vez que ele vinha com projeto, a gente falava "nossa! Esse projeto tá sensacional e tal!", aí ele mesmo derrubava o projeto "não, não gostei, isso não tá bom, tá cheio de problema e tal", falei "pai, mas tá lindo, pai!", "não, não, não. Não vamos fazer isso". Aí ele voltava pro escritório, mais um ano. Ele fica remoendo, remoendo em cima daquilo, e é um processo que ele fica ali em cima, em cima, em cima, em cima, até chegar na coisa mais simples possível. Essa casa é... Que que ela é? Ela é um paralelepípedo suspenso... Né, uma coisa assim, se você olhar ela, é super simples, super. Quer dizer, agora, vai chegar nisso aqui né. E tudo faz sentido, não tem nada de graça assim, se você ver a construção, as linhas, a estrutura, tudo se encaixa perfeitamente. Você, um despercebido assim, fala "nossa, coisa simples né". Mas se você começar a olhar assim com cuidado, você vai ver que é tudo super pensado, não tem nada de graça. E pra chegar nisso, dá trabalho. Eu acho que assim, ele... É esse processo dele né, que ele nunca tá satisfeito e é sofrido assim, é um processo que ele sofre... E no final, no final é prazeroso, mas o processo ele fica remoendo ali muito... Ele se dedica muito, acho que assim em cima de cada projeto, até pros filhos né. E aliás, ele até brinca, porque teve uma época que ele fez casa pra todos os filhos. Falou "ah não, agora não me inventam mais casa, pelo amor de Deus", fez casa

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

pra todo mundo, todo mundo mora em casa dele. Tem essa coisa né, cê falar "ah, é uma casa bonita, é uma casa bonita", mas não é a... É você se sentir bem na casa né. Então eu sento ali ó naquele canto, aí eu olho, eu fico dali olhando, daí eu vejo esse ângulo aqui que eu pego o jardim por baixo assim, aí esses espaços, essa quebra aqui assim do mezanino aqui... Eu falo "nossa... Meu pai é... Mandou bem aqui".

[01:15:34:13]Eduardo: Não é um processo linear, eu acho que não existe processo linear, de começo, meio e fim. Ele vai até um certo momento, aí de repente eu ponho dúvida, volto de novo, recomeço... Significa que acaba gerando um processo muito complicado, muito demorado, eficiente. Eu posso até chegar numa solução boa ou eventualmente projeto interessante, e exijo muito dos meus projetos, de fato, exijo muito. Se eu não tiver satisfeito eu não... Não dou por concluído. O que realmente às vezes cria problemas complicados pros meus clientes, que eles falam "sinto muito, é um problema seu... O meu problema é ter minha obra feita, meu projeto feito", eu falei "eu sei, desculpe, mas é... Esse é um dos meus não poucos defeitos". Esse aqui é o ponto de encontro que eu tava dizendo, esse aqui é o ponto de encontro que a USP não tem.

[01:16:34:17]Rodrigo: Sim, que tava faltando né.

[01:16:35:29]Eduardo: Não tinha. Faltava na USP, e agora ali é. Então isso é fantástico.

[01:16:42:11]Rodrigo: É, e essa ideia de...

[01:16:43:01]Eduardo: A gente já tinha essa ideia desde o começo.

[01:16:44:12]Rodrigo: É, outro dia eu vim com um grupo desses de estudantes e tal... E aí um sábado, um sol forte, a gente chegou lá fora, um puta sol né, quente pra caramba...

[01:16:54:13]Eduardo: Que fez um calorão mesmo.

[01:16:55:29]Rodrigo: E aí o grupo chegou aqui, tava um vento, confortável, aí todo mundo ficou olhando...

[01:17:01:05]Eduardo: Ventilado...

[01:17:01:16]Rodrigo: "Pô, como é que vocês fizeram?"...

[01:17:03:11]Eduardo: O sombreamento funcionou...

[01:17:05:04]Rodrigo: É... Que mágica foi essa né?

[01:17:07:07]Eduardo: Então, na realidade, eu acho que esse espaço aqui, ele cumpre direitinho o papel dele né.

[01:17:12:10]Rodrigo: É, ficou...

[01:17:18:02]Eduardo: Eu acho que a presença do José é muito... Quase material aqui, porque nós acompanhamos muito, essa... Nós tínhamos muito essa responsabilidade em relação a terminar essa biblioteca e dar uma... Espaço tão digno pros livros que ele doou, que é uma coleção muito particular, muito especial, independente do seu valor em si.

[01:17:41:25]Rodrigo: Sim...

[01:17:42:07]Eduardo: Ela é muito... Realmente... É única.

[01:17:45:04]Rodrigo: E essa coisa simbólica né, de que sempre teve a coleção como algo aberto.

[01:17:52:03]Eduardo: É.

[01:17:52:26]Rodrigo: Né? Pra visitação, pras pessoas consultarem... E aqui é a continuidade dessa ideia.

[01:17:57:24]Eduardo: É a continuidade disso. A arquitetura brasileira tem muito a ver com essa questão né, do espaço mais livre, mais democrático, mais aberto, não segregado, etc. Desse sentido, o prédio, este prédio também herdou essa, esse desejo, vamos dizer assim. Então algumas soluções pelo fato do material, por exemplo, esse daqui é um concreto caprichadíssimo feito com fornos especiais, etc., etc., etc., mas o concreto como material único levado até o fim né, praticamente só usamos concreto. Então imediatamente ele faz reportar uma escola paulista, não é isso. Essa não foi uma preocupação nossa...

[01:18:35:20]Rodrigo: Não, acho que a premissa, a durabilidade...

[01:18:36:25]Eduardo: Nossa preocupação ou premissa, é a questão da durabilidade e do caráter do prédio né.

[01:18:40:21]Rodrigo: Sim. É, e essa questão o prédio que vai abrigar a história do Brasil, uma coleção brasileira, tem que ter na identidade da sua arquitetura, também a questão brasileira da arquitetura né.

[01:18:53:24]Eduardo: Claro, claro, claro.

[01:18:55:20]Rodrigo: Eu acho que isso que...

[01:18:56:12]Eduardo: [Inint] [01:18:56:09] biblioteca brasileira José Mindlin. Houve determinado momento da década de sessenta principalmente, e por, fim da cinquenta, começo da sessenta, onde essa arquitetura paulista ou brutalista, arquitetura paulista passou a ser uma arquitetura com uma certa "cara". Que os arquitetos paulistas projetavam tudo de uma maneira muito semelhante, parecida antes. Aqui é típico produto da Escola Paulista, você vê isso até hoje. A arquitetura fica né, o tempo passa, mas a arquitetura tá aí. Então você sente muito isso, quer dizer, que essa arquitetura teve um certo momento, algumas, o que restou é a qualidade de algumas delas, não todas. Então o fato de ser brutalista, não ser brutalista, pertencer a um movimento ou não pertencer a movimento, não significa melhor ou pior qualidade disso. Eu nunca fiz parte de nenhum grupo do tipo Arquitetura Paulista, Brutalismo, coisa desse gênero. Que catalogaram ou classificaram ou... Estigmatizaram até muitos certos artistas em São Paulo. Quer dizer, essa história do Brutalismo ou Artigas o herói, embora o Artigas seja pra mim uma referência sim. De repente eu consigo chegar a uma determinada solução pra um certo problema e falo "ah, e aquele projeto como é que eu fiz?", fico pensando, assim, assim, assim, falei "boa, será que é válido pra esse caso?". Então eu acabo me usando, eu mesmo como referência. E às vezes a referência é assim, eu vejo uma obra em determinada arquitetura, determinado arquiteto que fala, falo "eu também quero fazer uma coisa assim, eu também quero esse caminho, quero ir atrás disso com o que eu consigo fazer", isso aconteceu muito comigo. E não é copiar, não é usar aquilo como paradigma da perfeição, não. Eu falei "eu também, eu gostei disso aqui, eu vou tentar ver o que que eu faria com isso". Então às vezes saiu até parecido, eu já fiz projetos meus que os clientes reclamaram

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

que era muito parecido com o projeto que eu tinha feito pra um deles, e não teve essa intenção. De repente ela, partindo-se... Resolvia bem praquela programa ou praquela situação. Lembro de algumas cenas assim do meu pai, uma delas inclusive, uma cena histórica. Meu pai chegando em casa, em mil novecentos e trinta e nove, acabado, acabado [inint] [01:22:08:07], nós não tínhamos televisão né. Ele chegava, "a Alemanha invadiu a Polônia, começou a guerra". Assim, absolutamente sucumbido. Eu me lembro disso como se fosse hoje, mil novecentos e quarenta. Foi uma coisa que me ficou muito de memória, porque depois nós acompanhamos o desenvolver da guerra toda, meu pai morreu naquele ano... Mas minha mãe russa, então acompanhava muito as campanhas, particularmente as campanhas russas mesmo. Eu acho que é o único livro publicado do meu pai, chama-se "Túnel e Poemas Modernistas", escritas, foram feitas entre vinte e dois e vinte e três... "Viajar, viajar, varar, veloz, todos os verdes confundidos. Rasgar mais a carne viva dos barrancos. Desequilibrar as planícies pacíficas. Sofrer as choupanas incompreensíveis. Violar as aldeias românticas. E de repente perfurar negramente as montanhas com uma espada que entrasse na bainha". "Túnel, a treva dos sonos, a treva dos túmulos, a treva que foi feita para imobilidade. Ó, como é doloroso movimentar-se tanto nas trevas cilíndricas. Trevas úmidas para revelar as fotografias das paisagens anteriores. Luz vermelha dos corações, luz que não fere. E no túnel frio, no túnel longo, passear pelos relevos ásperos. Ásperos, mas claros, das últimas pedras". Nós estamos em cima do Viaduto do Chá, cujo papel foi de unir o centro antigo que era em direção a Praça da Sé com o centro novo que viria a se desenvolver nos anos trinta e quarenta. Então ele tem um significado simbólico o Viaduto do Chá e ao mesmo tempo, a possibilidade de se desfrutar de um espaço privilegiado da cidade, talvez o mais privilegiado da cidade. O Teatro Municipal que tá aqui atrás, mas tinha uma série de outros teatros, o Teatro Santana e outros. E os cinemas, eram todos no centro. Os cinemas importantes, os museus... Museu de Arte, Museu de Arte Moderna... Enfim, nós nos deslocávamos... Isso eu tô falando década de cinquenta, a gente se deslocava pro centro, porque tinha restaurantes mais chiques até os mais populares. Esse é o meu centro, esse é aquele que nós chamávamos a cidade. O que pras pessoas é história, pra mim é memória, quer dizer, é uma coisa muito presente. Eu, inclusive, eu venho pra cá com uma certa melancolia

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

porque eu sinto um certo ar de decadência, que pode... Que não vamos confundir com saudosismo. É uma decadência dentro do centro. Eu tenho uma certa dificuldade de... Isso eu vejo através de livros, eu vou atrás, não fico vendo fotografia né. Pego o projeto, como é que é a planta, como é o corte, como é que esse espaço, como é que se organiza esse espaço. Então alguns eu tenho dificuldade em entender mesmo, qual pensamento atrás. Tipo Zaha Hadid, que é uma arquitetura, uma arquiteta iraniana, que tem feito projetos incríveis, tá muito valorizada hoje no mundo. Uma arquiteta exponencial atualmente, eu tenho dificuldade de entender... Steven Holl, um arquiteto americano, que tem obras pela Europa toda, etc. Tenho publicações dele e ainda tenho uma dificuldade de estabelecer um diálogo com essa gente, e outros também. Mas eu acho que é uma limitação minha, eu sou de outra geração. Esse mundo de hoje não é o meu, essa que é a verdade, sabe? Eu nasci e me desenvolvi... Eu nasci trinta e três. Trinta e três é como se fosse o século XV hoje em dia. Se você pensar em termos de tecnologia, quer dizer, eu sou de outro planeta. E eu não consigo sair projetando o que eu vejo a moçada saindo projetando com computador. Isso pra mim é incompreensível. Eu acho que se não houvesse a relação física primeiro com o projeto, que é essa coisa, essa passagem da cabeça pra mão, eu acho que é impossível você pelo menos formular ideias e essas ideias primeiras que vem, sejam quais forem, essas têm que se manifestar através do desenho. Cê trabalha com a forma, com o espaço, com a cor, com a luz, etc., etc., etc., com significados de tudo isso, e de uma forma onde todos têm possibilidade de usufruir. Pra mim a arte é assim, com grande significado social e humana, claro. Nenhuma manifestação, nenhuma forma artística é mais do que arquitetura, porque ela é compreensível, ela é muito clara pra quem usufrui.

**Fim da Gravação 01:28:35:17**

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89